

CARACTERÍSTICAS COMPOSITIVAS DE AZULEJOS DE ÉPOCA DE LISBOA, BELÉM DO PARÁ E SUL DO BRASIL

Renata Barbosa Ferrari Curval

Arquiteta, especialista em patrimônio histórico (UFPel), Mestre em Patrimônio Histórico (UFPel)
e doutora em Ciências dos Materiais (UFRGS). E-mail: <renata.curval@imed.edu.br>.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade a análise comparativa entre azulejos de fachada do século XIX, nas cidades de Lisboa, Portugal, Belém do Pará e Rio Grande, no Brasil. Tais cidades foram escolhidas por possuírem acervo azulejar de época e, também pelo fato das respectivas possuírem azulejos de mesmo padrão para comparação, o que permite, de modo mais eficaz, uma análise minuciosa e precisa. Para tal, serão analisados biscoitos do padrão azulejar conhecido como barba de gato, que originalmente tem sua produção na cidade do Porto, Portugal. Possui inúmeras variações de padrão e está presente nas três cidades em questão. O trabalho constará de análise de difração de raios-x (DRX) pelo método do pó, microscopia eletrônica de varredura com EDS. Com isso pretende-se mostrar a composição mineralógica destas peças para posterior estudo de sua importância nas técnicas de restauro e prevenção de patologias.

Palavras-chave: Azulejaria. Fachada. Análise mineralógica. Comparação.

1 INTRODUÇÃO

Portugal é um país rico em azulejaria e sua riqueza azulejar acompanha a história desde o início do século XVI; história que se pode reconstruir através de inúmeros painéis com imagens de eventos passados, cenas do cotidiano de um povo ou do seu imaginário. Testemunham também uma estética popular nos azulejos de padrões geométricos, tipicamente portugueses originados no início do século XVII, de que os azulejos de fachada são um distante, mas ainda reconhecível descendente através de alguns padrões de inspiração remota.

Sabe-se que no período pré-industrial a utilização de azulejos no exterior era limitada, sendo utilizada em coruchéus, jardins, fontanários ou pequenos painéis com motivos religiosos (VELOSO; ALMÁSQUE, 1992). Alguns autores como Alcântara (1997) e Santos Simões (1967) afirmam

que o hábito do azulejamento de fachadas foi importado para Portugal do Brasil, país que recebia azulejos de Portugal e os utilizava como revestimento de fachadas, em função da durabilidade desse material frente às condições climáticas brasileiras e pelo fato de precisar de pouca manutenção. Domingues (2009), contesta esses autores e afirma que Portugal já fazia uso deste tipo de revestimento parietal externo muito antes que o Brasil.

Sem tomar partido por considerações além da finalidade deste trabalho, o importante é que tal solução ganhou imensa proporção e foi em longa escala utilizada em ambos os países, tendo tido apogeu em Portugal, mas não menos belos exemplares no Brasil.

Domingues (2009) ressalta que o uso da azulejaria teve como dominante a burguesia proprietária, pois a classe baixa não podia pagar o azulejamento de suas modestas casas, enquanto que os mais ricos, de classe alta, não faziam gosto de tê-los, pois pintar a casa periodicamente era si-

nal de afluência. Assim, a classe média era quem mais fazia uso desse acabamento em suas casas particulares ou nos prédios de rendimento.

Primeiramente os azulejos eram produzidos artesanalmente, pintados a mão sem molde algum. A demanda pelo uso de azulejos em fachada fez crescer a concorrência e as fábricas acabaram por aperfeiçoar os métodos de fabricação das peças, originando, então, a estampilhagem. Correia (2008) afirma que esta técnica começou a ser utilizada pela fábrica de Louça Miragaia, em 1820. Tal técnica permitia que os azulejos fossem cada vez mais idênticos.

Cada fábrica produzia seu tipo de padrão, mas podiam produzir o padrão de outra fábrica ou até mesmo importado de outro país, pois não havia registro de direitos autorais e o plágio era frequente. Assim, não é raro de se duvidar de qual fábrica pertence determinado padrão. A certeza da procedência de um padrão pode ser verificado pelas marcas em seu tardo, quando existam.

Quando não se reconhecem marcas no tardo, Almasqué e Veloso (1992) afirmam que o mais prudente consiste em fazer um estudo da matéria prima, da técnica de fabricação, do tipo de desenho e gama de cores, da dimensão da chacota e de frisos e cercaduras, a fim de se verificar uma possível procedência.

Assim, levando-se em consideração que o Brasil recebeu de Portugal inúmeros padrões azulejares que foram sendo distribuídos ao longo do imenso território brasileiro, sobretudo nas regiões litorâneas como Belém do Pará, Salvador e sul do Rio Grande do Sul, procurou-se realizar uma análise comparativa entre a composição física, química e mineralógica das peças azulejares de mesmo padrão entre as cidades de Belém do Pará, Lisboa e Rio Grande.

Cabe lembrar que Sanjad (2009) estudou e caracterizou inúmeras peças no norte do país, especificamente na cidade de Belém do Pará, tornando aquele trabalho referência para análise de dados dos azulejos do norte do Brasil. Aqui, visa-se passar referenciais ligados ao sul do Brasil e Lisboa, em Portugal. O cruzamento de dados é de suma importância, uma vez que se pode provar a procedência das peças, a possível data de fabricação das mesmas e, sobretudo trabalhar métodos que permitam prolongar o tempo útil de vida dessas peças quando afixadas a seus suportes.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

De acordo com pesquisa realizada pela autora em 2012 na Biblioteca Nacional de Lisboa, em jornais de época, constatou-se que as primeiras exportações de azulejos para o Brasil destinavam-se ao porto de Belém do Pará. Daí explica-se a grande diversidade de padrões encontrados na cidade. Assim, Belém torna-se referencial no norte do país para estudo destas peças.

O sul do Brasil, por sua vez, recebeu exemplares em bem menor número, mas estes também chegaram através dos portos, sobretudo das cidades do Rio Grande. No século XIX muitas casas próximas ao porto eram azulejadas e, aos poucos, com a modernização e especulação imobiliária a cidades foi perdendo grande parte de seu patrimônio azulejar. Com isso e somado ao fato de Rio Grande ser a cidade mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul, escolheu-se ela para análise comparativa com Belém do Pará, afim de que o sul do Brasil, se tornasse, também, referência para estudo.

Conforme anteriormente citado, Portugal foi o berço de toda esta evolução artística, sobretudo a cidades de Lisboa, que até os dias atuais guarda em suas fachadas o legado da produção azulejar.

Assim sendo, estas três cidades foram escolhidas para análise comparativa de peças, pois possuem condições climáticas diferenciadas, o que interfere de forma direta no fator de degradação das peças, tornando-se ideal para este estudo.

Foi realizado estudo bibliográfico a cerca do assunto, tanto em Portugal como no Brasil, pesquisando-se livros, revistas, periódicos, jornais e todo o material disponível para estudo.

Posteriormente foi realizada visita *in loco* a determinados locais das três cidades, especificamente locais de maior concentração de azulejos de fachada. Assim, pode-se observar que as cidades citadas apresentavam em comum o padrão conhecido como barba de gato (Figura 01), padrão este que foi analisado para comparação neste estudo.

Recolheu-se amostras destas peças (parte do biscoito) nas cidades do Rio Grande, Belém e Lisboa e assim pode-se proceder a análise física das mesmas, através de visualização e pode-se realizar análises laboratoriais como difração de raios-x (5 à 65 graus em 2 teta) processado no programa Search Match e análise de MEV/EDS no aparelho JEO 5800 e programa Noran System, afim de verificar a composição dos referidos

biscoitos. Para tanto foram utilizados os equipamentos do Laboratório de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e análises realizadas pela Dra. Thais Alessandra Sanjad, em 2009.



Figura 01: Azulejo padrão barba de gato
Fonte: Acervo da autora/ 2012

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisados por difração de raios-x, os biscoitos das três amostras, foi possível perceber que na amostra da cidade do Rio Grande foram encontradas as seguintes fases Quartzo, Gehlenita, Wollastonita e Calcita, em ordem decrescente quantitativamente. (Figura 02).

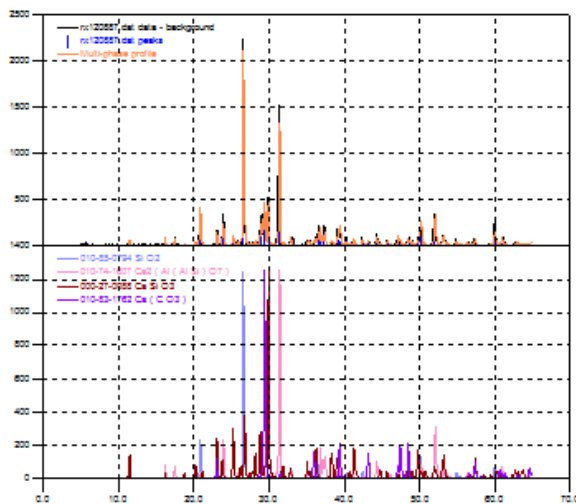


Figura 02: Difratomia do padrão barba de gato em Rio Grande
Fonte: UFRGS – autora

Na análise de MEV/EDS foram encontrados fragmentos e espaços no biscoito e os elementos encontrados ratificam as fases apresentadas. (Figura 3).

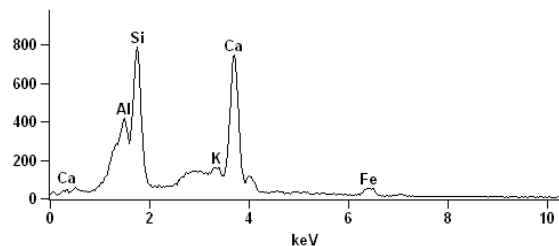
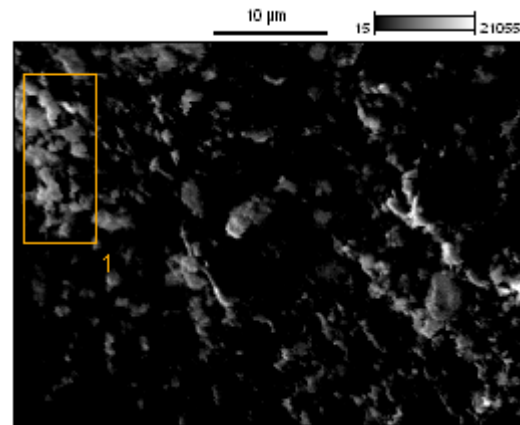


Figura 03: Análise de MEV/EDS no biscoito de Rio Grande.
Fonte: UFRGS - Autora

Na análise realizada no biscoito da amostra oriunda de Lisboa (Figura 04), percebe-se que há presença das seguintes fases: quartzo, Gehlenita e wollastonita, em ordem decrescente quantitativamente e da mesma forma, na análise de MEV/EDS aparecem fragmentos e espaços e os elementos químicos conferem com as fases analisadas. (Figura 05).

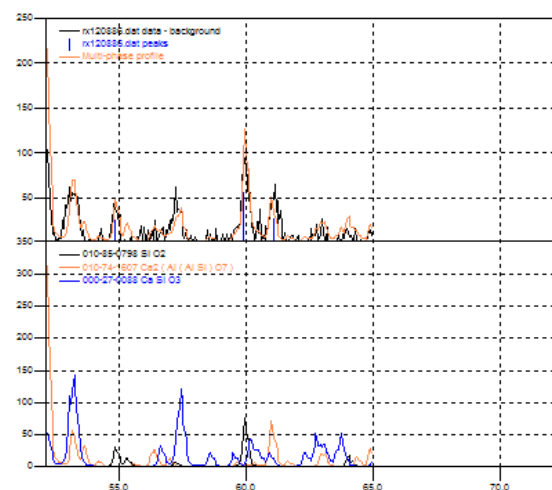


Figura 04: Difratomia padrão barba de gato de Lisboa.
Fonte: UFRGS – autora

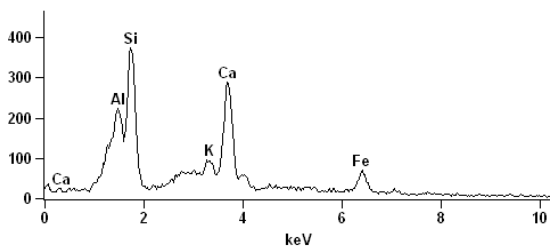
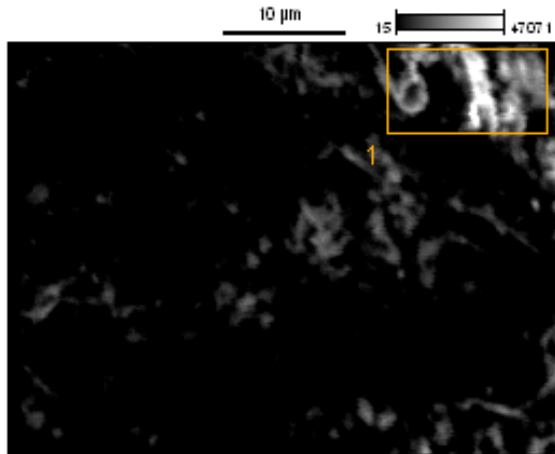


Figura 05: Análise de MEV/EDS no biscoito de Rio Grande.
Fonte: UFRGS - Autora

O padrão barba de gato encontrado em Belém do Pará (Figura 06) apresenta como fases: quartzo, calcita, Gehlenita, diopsídio e cristobalita. (Figura 07). A imagem de MEV mostra tamanho diversos e fragmentos e vacúolos no biscoito. (Figura 08).



Figura 06: Padrão barba de gato de Belém do Pará.
Fonte: Azulejaria Histórica em Belém do Pará, 2009.

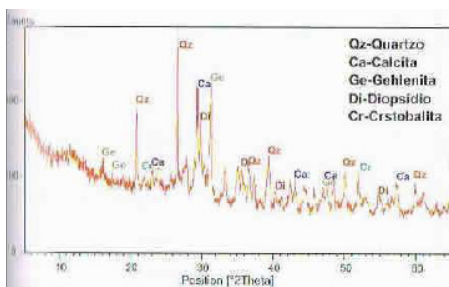


Figura 07: Difração de Raios-x.
Fonte: Azulejaria Histórica em Belém do Pará, 2009.



Figura 08: Análise de MEV.
Fonte: Azulejaria Histórica em Belém do Pará, 2009.

4 CONCLUSÕES

O cruzamento dos dados apresentados levamos a concluir que os biscoitos dos azulejos analisados são oriundos de uma mesma época e provavelmente de uma mesma fábrica, pois o quartzo, a gehlenita e a wollastonita estão presentes em todas as fases analisadas. Porém pela presença da cristobalita no biscoito de Belém do Pará pode-se concluir que estes foram cozidos a uma temperatura superior a 1200C, enquanto àqueles receberam cozimento com temperatura inferior a 1200C.

Essa composição pode ter sido derivada de uma material-prima rica em quartzo, argilominerais e carbonato de cálcio e magnésio, possivelmente usados como fundentes ou provenientes de uma argila margosa.

Por pesquisas realizadas em Portugal pela autora pode-se afirmar que este padrão é oriundo da Fábrica Miragaia, da região do Porto, e datado da primeira metade do século XIX. Isso se afirma porque o exemplar analisado oriundo de Portugal foi de fabricação da Miragaia, início do século XIX e sua composição é basicamente idêntica a dos outros dois exemplares analisados, diferenciando-se apenas pela temperatura de cozimento (presença da Cristobalita). Houve uma diversificação muito grande neste padrão, sofrendo o mesmo, alterações de cor e pequenas modificações em seu desenho.

Com isso, pode-se afirmar que a composição destas peças não são o fator preponderante pela degradação física dos mesmos, pois apesar de estarem em locais distintos e com patologias distintas e em estados de degradação diversificado, apresentam a mesma composição. Corroborar-se assim a informação de Mimoso (2011) que afirma ser a água o fator determinante para os

diversos tipos e níveis de degradação dos azulejos de fachada em qualquer que seja o local analisado. Pode-se, porém questionar se a temperatura de cozimento dos mesmos facilita o processo de degradação junto à água, mas este será objeto de um estudo futuro.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva. *Azulejos em Belém do Pará* – subprojeto. Belém, IPHAN, 1992, Mimeografado.

ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva. *Azulejos Portugueses em São Luis do Maranhão*. Rio de Janeiro. Editora Fontana, 1980.

ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva. *Azulejos na cultura luso-brasileira*. Rio de Janeiro, IPHAN, 1997.

ALMASQUÉ, Veloso. *Azulejaria de Exterior em Portugal*. Editora Inapa. Lisboa, 1992.

ALMASQUÉ, Veloso. *Azulejos de Fachada em Lisboa*. Edição da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, 1992.

DOMINGUES, Ana Margarida Portela. *A ornamentação cerâmica na arquitectura do romantismo em Portugal*. Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal, 2009.

MIMOSO, J.M.; PEREIRA, S. *Sobre a Degradação Física dos Azulejos de Fachada em Lisboa*. Relatório 303/2011. Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Lisboa, 2011.

SANJAD, Thais A. Bastos Caminha. *Azulejaria Histórica em Belém do Pará: contribuições tecnológicas para réplicas e restauro*. UFPA/SEDECT/FAPESPA, 2009.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI: Introdução Geral*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

Characteristics compositional Lisbon season of tiles, Belém do Pará, and South Brazil

ABSTRACT

This work aims the comparative analysis between the tiles of the nineteenth century's facade, on the cities of Lisbon, Portugal, Belém do Pará and Rio Grande, on Brasil. This cities have been chosen because they had the tiles patrimony and also for the fact of the respective cities had tiles of the same pattern for a comparison, what allows more effectually, an meticulous and careful analysis. For this, the tardo of the tiles pattern, known as "cat beard", originally produced on the city of Porto, in Portugal, will be analyzed. The job will have the analysis of the X-RAY diffraction (DRX) in the powder method, electronic scan microscopy made with EDS. With this, it's intended to show the mineralogy composition of this pieces for the afterthought studies of its' prominences techniques of restoration and the pathologies prevention.

Keywords: Tiles. Facade. Mineralogical analysis. Comparison.